

CAMINHOS PARA A (DES)CONSTRUÇÃO DA MANIFESTAÇÃO MARGINAL: DAS PALAVRAS À ARTE

Kelly Aparecida Almeida Gouveia; Magliana Rodrigues da Silva; Josielio Pereira Marinho; Aline Ticiania de Andrade Dantas; Everton Alves Menezes

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, kellyalmeidaag@gmail.com, maglianaarodrigues@hotmail.com, josielio_cgpb@yahoo.com.br, alineandrad@yahoo.com.br, everton.alvesmenezes@hotmail.com

Resumo: A manifestação da arte está atrelada diretamente às emoções humanas, pois, mediante ela, o indivíduo consegue canalizar seus sentimentos e, assim, de modo sensível e revelador, expor tanto o que sente quanto o que pensa sobre qualquer assunto. Dentre as várias manifestações artísticas existentes, reportamos nosso olhar para a Arte Marginal, a qual visa dar voz e vez a indivíduos que são, muitas vezes, silenciados pela sociedade. Por compreender que práticas educacionais pautadas em abordagens sobre valores éticos (igualdade/desigualdade, diferenças sociais, saberes múltiplos) são de suprema importância na vida de qualquer pessoa, visto que refletirão na formação de um ser humano mais humanizado, logo, sensível ao mundo que vive, o projeto “Base Artística e Reflexiva”, pertencente ao PIBID/LETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba, desenvolveu, este ano, um Plano de Atividades Sequenciadas, pautado em um olhar reflexivo, social e educacional sobre Arte Marginal. Foram elaboradas aulas que direcionassem o olhar do aluno de periferia, também marginalizado, para a arte e suas manifestações, atrelando o contexto diretamente ao ensino dinâmico de língua portuguesa na escola, visando, desse modo, um melhor desenvolvimento em habilidades e práticas textuais, bem como uma abordagem criativa, crítica e refletiva da linguagem através do grafite, músicas, repente, entre outros, que são gêneros textuais existentes na arte marginal e pouco valorizados na sociedade. Portanto, objetivamos, neste trabalho, refletir sobre as diversas construções de linguagem, com base nessa arte pouco apreciada, mas que tem em si força, expressão e sensibilidade como qualquer outra. O presente trabalho aponta suas expectativas para um resultado esclarecedor e de pleno reconhecimento das manifestações artísticas minimizadas em nosso cotidiano. Para fundamentar essas discussões recorreremos às contribuições teóricas de Custódio (2012), Souza (2011), tal qual os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

Palavras-chave: língua portuguesa, linguagem, arte marginal.

INTRODUÇÃO

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) oferece a estudantes de licenciatura a oportunidade de antecipar a prática docente em escolas estaduais, na qual o IDEB seja menor que 4,4, ou seja, que esteja abaixo da média nacional. Ademais, esse programa faz uma ligação entre a educação superior e a educação básica.

A Universidade Estadual da Paraíba possui vários subprojetos de iniciação à docência, entre eles, o Projeto B.A.R. (Base Artística e Reflexiva), que conta com uma coordenação de área (professora da UEPB) e uma supervisão escolar (professora do Ensino Básico) e com graduandos do curso de licenciatura em Letras, com habilitação em português. Este projeto desenvolve atividades há quatro anos na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Pinheiro, situada na zona leste, em um dos bairros periféricos da cidade de Campina Grande.

Bem como o nome do projeto apresenta, os Planos de Atividades Sequenciadas de língua portuguesa



são elaboradas com estratégias que envolvem a arte e promovem reflexões por parte do alunado, buscando várias temáticas que possibilitem um viés mais lúdico ao lecionar o ensino da língua.

O projeto trabalhou com temas que se correlacionam com a faixa etária dos alunos e com um mundo diverso de culturas, a exemplos de manifestações circenses, música, teatro e afins, que possibilitaram a inclusão dos alunos nesse meio.

Pensando em uma temática que, além de dialogar com a faixa etária dos alunos, apresente o valor que o mundo deles tem, foi elaborado o Plano de Atividades Sequenciadas “Caminhos para (des)construção da manifestação marginal: das palavras a arte”, visto que, o contexto social em que os alunos estão inseridos proporciona a eles uma realidade bastante inóspita, contribuindo para que sejam colocados à margem da sociedade.

Foram planejadas, nesse plano de atividades, aulas que, ao lecionar o ensino da língua, mostrem as diferentes manifestações artísticas de sujeitos que muitas vezes são silenciados e/ou não são ouvidos pela sociedade, mas que conseguem através da arte, tais como a música, o grafite, a poesia, reconquistar o lugar que lhes é de direito. Para tanto, a arte marginal atrelada à língua portuguesa, ministrada nas aulas, abre espaço para que os alunos reconheçam a sua posição na sociedade e os seus direitos, escrevendo os desejos que possuem para uma sociedade melhor, sobretudo, expondo suas críticas a respeito de assuntos sociais, com valores éticos que são de muita importância na vida de qualquer cidadão.

Aporte teórico norteador da construção do Plano de Atividades Sequenciadas

Ensinar língua portuguesa nos dias de hoje tem sido algo realmente desafiador, uma vez que os alunos estão inseridos em um contexto completamente diferente de dez anos atrás. Com a evolução das tecnologias, por exemplo, é possível inserir na sala de aula recursos que tornam o ensino de língua dinâmico e completamente condizente com a realidade dos alunos.

O ensino de língua deve estar longe de algumas práticas metódicas em que estão pautadas em abordagens apenas normativas. Para que o estudo em sala de aula torne-se didático, é necessário que o professor utilize algumas estratégias de ensino durante a ministração de suas aulas. Com base nos estudos apreendidos na graduação, é possível aprender sobre o universo do ensino e conhecer suas teorias. Mas é apenas na prática que podemos agregar muitos outros valores que muitas vezes estão distantes da teoria.

Pensando assim, participar de um projeto em que aposta no ensino consciente e reflexivo através da língua portuguesa, nos lança o



desafio de procurar estratégias de ensino que alcance qualquer tipo de aluno, independente do contexto social que esteja inserido. Para tanto, elaboramos um Plano de Atividades Sequenciadas em que o eixo temático trazia reflexões sobre a “Arte Marginal”, tendo em vista que através dele, poderíamos desenvolver aulas em que faríamos desconstruções estereotipadas e aprender mais sobre a língua portuguesa e suas manifestações.

Pondo em prática nossas aulas, previamente elaboradas, mediante uma metodologia completamente inclusiva no que diz respeito às pessoas que são marginalizadas, incluímos a nossa prática docente uma perspectiva de abordagem metodológica que dialogasse com o contexto escolar da nossa escola e, conseqüentemente, dos nossos alunos.

Voltamos nosso olhar para múltiplos letramentos, de forma que ampliasse nossas perspectivas para um ensino que alcançasse os alunos de uma forma completamente desconstruída, distanciando-se do ensino engessado e puramente normativo, uma vez que estaríamos analisando diversos contextos culturais que fazem parte do cotidiano deles. Ao realizar essa ação, olhamos para a cultura local da escola e partimos das ruas, das travessas, dos becos que estão na órbita dos alunos (Custódio, 2012, p. 199).

Ainda nessa perspectiva, Rojo *apud* Custódio, 2012, p. 200, afirma que:

Os novos estudos de letramento têm destacado o “caráter sociocultural e situado das práticas de letramento”, levando em consideração as muitas e diferentes práticas sociais de usos da língua/linguagem. Por isso, nesse contexto, é cabível tratar de letramentos ou letramentos múltiplos.

O desenvolvimento de Planos de Atividades Sequenciadas, com eixos temáticos voltados para o ensino desses letramentos, que dão margem a reflexões e ao contexto social, abrirá espaço para alunos ainda mais participativos durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Assim, eles terão facilidade de absorver, compreender e ter uma participação efetiva.

Ao utilizarmos nas aulas de língua a inserção de temáticas como arte marginal, entendida aqui como uma manifestação artística que se encontra à margem da sociedade por não se render aos padrões formais, encontramos, por exemplo, os estudos de Souza (2011) sobre a manifestação da linguagem e também possibilidades reflexivas sobre o ensino, que em uma abordagem sobre o fanzine (significa revista escrita por e para fãs), se encaixa perfeitamente nos estudos sobre os gêneros textuais, adequação verbal, análise literária e linguística, ao retratar que tal gênero é uma elaboração multimodal que envolve colagem de textos diversos como: materiais de jornais e revistas, letras de músicas, poemas, propagandas, entre outros.

Ao analisarmos também o rap, como mediador para um ensino didático, é possível realizar um estudo bastante proveitoso tanto sobre a linguagem em ação quanto sobre valores sociais. Pois o rap é um gênero musical em que acontece verdadeiramente uma brincadeira na linguagem improvisada, uma vez que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra-hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador (Souza, 2011, p. 140). Sendo assim, nos deparamos com inúmeras possibilidades de trabalhar assuntos relacionados à língua portuguesa e também temáticas sociais, no tocante a própria realidade dos alunos.

Em se tratando da capacidade crítica dos alunos, mediante conteúdos que os faça pensar sobre sua realidade, os PCN (1998) afirmam que espera-se do aluno que ele consiga questionar a sua realidade formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para esta ação um pensamento lógico, criativo, intuitivo; além da capacidade de análise crítica, entre outros processos. Logo, dá-se a importância ao ensino que também torne os alunos não só informados quanto ao bom ensino, mas também cidadãos conscientes de sua própria realidade.

Não se pode desvincular do ensino a arte ou suas manifestações, tendo em vista todas as possibilidades que ela é capaz de alcançar, tanto no tocante ao estudo da língua portuguesa, por exemplo, quanto uma reflexão sobre abordagens sociais. Neste aspecto os PCN (1998) afirmam também que:

Em conjunto com as outras áreas de conhecimento trabalhadas na escola, na área de Arte pode-se problematizar situações em que os alunos tenham oportunidade de perceber a multiplicidade de pensamentos, ações, atitudes, valores e princípios relacionados, à ética; meio ambiente; orientação sexual; saúde; trabalho, consumo e cidadania; comunicação e tecnologia informacional; pluralidade cultural, além de outros temas locais definidos na organização escolar. (PCN's, 1998, p. 38)

Desenvolver Planos de Atividades Sequenciadas, em que busquem uma metodologia com multiletramentos para as aulas de português, proporcionará uma maior efetivação no ensino e nos objetivos propostos para a assimilação dos conhecimentos dos alunos. Essas abordagens os farão conhecedores sobre assuntos relacionados a diversos temas. Podemos encontrar na Arte essas estratégias de ensino que fará uma diferença satisfatória na vida escolar e pessoal dos alunos.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Faz-se necessário sinalizar, antes de mais nada, que os relatos das aulas focarão, primeiramente o ensino de língua portuguesa, tendo

como auxílio a inserção da temática proposta. Buscando maior objetividade no que diz respeito a isto não será dada tanta ênfase a dinâmicas e motivações propostas na construção do Plano de Atividades Sequenciadas.

O nosso primeiro encontro do Plano de Atividades Sequenciadas, foi intitulado “A linguagem visual da arte marginal (resistência)”, que trazia muitas discussões e reflexões a respeito da arte, da marginalização e dos meios de informações aos quais as notícias são divulgadas.

Inicialmente foi analisado linguisticamente as manchetes e comentários escritos em redes sociais e sites de notícias a respeito das polêmicas geradas pelas performances artísticas no MAM (Museu de Arte Moderna), em São Paulo, dentre as quais uma criança interagia com um artista nu e outra notícia, em que uma artista nua, na UEPB, visa fazer uma denuncia social a respeito dos diversos casos de agressões sofridas pelas mulheres.

Primeiramente, foi percebido que, através das escolhas linguísticas apresentadas na escrita dos comentários e manchetes, foi apresentado um posicionamento contrário (e em alguns agressivos) a respeito do que aconteceu, quando não, havia certo cunho tendencioso que buscava não relatar, mas chamar a atenção do leitor através do choque. Em um segundo momento, explicamos o que aconteceu em cada um dos casos como uma forma de mostrar aos alunos que, independentemente da opinião que se forme a respeito de determinado tema ou polêmica, é importante que se tenha acesso a informações sobre o que está acontecendo para que estas opiniões formadas sejam fundamentadas em fatos que realmente aconteceram e não na opinião ou exposição tendenciosas de terceiros. Dessa forma, buscamos através desse diálogo, estabelecer uma reflexão a respeito da construção de um pensamento fundamentado e emancipado.

Adiante foram lidos alguns textos (poemas) que traziam voz de pessoas ou grupos marginalizados pela sociedade, mostrando que, apesar da valorização que é dada ao cânone (que é de extrema importância para a formação intelectual dos alunos), a escrita de pessoas pertencentes a esses grupos marginalizados também possui o seu valor, uma vez que é uma forma de falar daquilo que normalmente não se expressa tão comumente.

Isso serviu para introduzir a próxima atividade, na qual a voz de alguns grupos sociais seria expressa através de um suporte muito presente em manifestações: os cartazes. As fora escolhidos três eixos temáticos sobre os quais os cartazes seriam produzidos: a periferia, as discussões de gênero e as discussões culturais. Os alunos foram divididos em três grupos, que

realizaram a produção de um cartaz para cada tema, supervisionados, cada um, por um professor.

O nosso segundo encontro, intitulado “Aula muro ou mural?”, contou, inicialmente, com uma dinâmica de aula em que os alunos deveriam pegar um papel que continha a seguinte pergunta: “O que é arte?”, de modo que, ao responder, não falassem qual era a pergunta. Ao passo que os alunos foram dando suas respectivas respostas, automaticamente perceberam que se tratava do mesmo questionamento. Tal motivação nos trouxe uma reflexão: Qual o conceito de arte?

Em seguida, apresentamos para a turma vários trabalhos artísticos como os quadros “Monalisa”, do pintor Leonardo da Vinci, “A boba” de Anitta Malfati, “Abaporu”, de Tarsila do Amaral, além da obra “A fonte”, de Marcel Duchamp, o trabalho fotográfico de Iain Macmillan, com “Os Beatles atravessando a Abbey Road”, o hai-kai do escritor Millô Fernandes e a fotografia de um trabalho do grafiteiro Kobra. O intuito desse momento de apreciação de obras artísticas foi completamente intencional. À medida que as imagens dos trabalhos citados iam aparecendo, de um slide a outro, o professor perguntava se os alunos consideravam tal obra como arte ou não. Da mesma forma, quando era ouvido que um trabalho não podia ser considerado como arte, indagávamos automaticamente o porquê não podia ser uma arte.

Pudemos perceber que a concepção de arte para os alunos ainda era muito subjetiva e pouco racional. Para alguns, apenas o que era “bonito” podia considerado arte; para outros, algo só poderia receber essa qualificação quando fizesse sentido ou fosse uma pintura que estivesse estampada em um quadro. Diante do discurso de cada aluno, trouxemos uma desconstrução do sentido de arte, visto até então de forma leiga.

Solidificamos nossos argumentos através da definição de alguns dicionários que qualificam arte como uma atividade humana que está associada a manifestações de ordem estética, feitas por artistas que objetivam estimular o interesse de consciência de seus espectadores, os fazendo refletir sobre sua obra, além do discurso do cineasta Jean Luc Godard, que define arte como sendo exceção da cultura, em seu filme “*Je vous salue, Sarajevo*”. A partir dessas definições e das imagens refletidas, pudemos então realizar, com os alunos, novas interpretações para o que seria arte, além do conceito fechado que tinham.

Em outro momento, apresentamos o documentário “Expressão de rua”, que foi produto da monográfica de Liege Scremin e Matheus Gasparin, como conclusão do curso de Jornalismo da UniBrasil, em 2013. O documentário

mostrava “que, independente de ser considerado arte ou vandalismo, essas manifestações são formas de expressão de certos grupos”. Foi abordada a temática do graffiti, pichação, lambe-lambe, stencil e sticker, para mostrar que esse tipo de manifesto também não se limita apenas à grafiteagem/picho. Foram ouvidos, através de vídeo, órgãos públicos, interventores, fontes oficiais e públicas. Mediante a exposição do documentário, levantamos uma discussão sobre os limites da arte de rua, como grafite e pichação, esclarecendo que ambas são consideradas arte, mas que existe uma diferenciação sutil entre elas, chamada legalidade. Em outras palavras, o grafite é uma arte legalizada, já a pichação não, pois para que possa ser vista, rompe com as leis cívicas.

Para finalizar a aula, foram apresentados três temas (violência, educação e sonhos) e pedido para que cada aluno escolhesse um tema e fizesse um desenho, seguido de uma frase de efeito. Esta atividade teve o intuito de estimular os alunos para uma de nossas propostas finais que seria grafitar um muro da própria escola justamente com o esses desenhos e frases.

Iniciamos o nosso terceiro encontro, nomeado Rap e Funk: letramentos de re(e)xistência. Após um momento inicial de motivação exibimos um videoclipe da música “Negro Drama”, da banda Racionais MC’s, que traz uma reflexão bastante pertinente em relação à temática do Plano de Atividades Sequenciadas, pois é através da música, dessa manifestação artística, que os MC’s produzem canções para falar dos negros e seus dramas de viver na favela, visto que a música relatava várias experiências de sujeitos marginalizados pela sociedade, trazendo através de uma análise ideológica a posição sujeito na qual o produtor do rap, geralmente se encontra.

Após ouvirmos a música, refletimos acerca de sua letra, partindo da pergunta “Quem seria o negro drama do Bairro do José Pinheiro?”. Surgiram várias respostas, que nortearam a reflexão, tornando-se interessante quando os alunos correlacionavam o contexto de vida deles com o conteúdo da aula porque assim eles percebem a importância do que está sendo abordado.

Em seguida, falamos sobre a origem dos gêneros musicais: o *Rap* e *Funk*, que surgiram como formas de debater temas da sociedade, além de serem produzidos por pessoas que residiam em zonas urbanas carentes. Explanamos brevemente o percurso histórico e como esses gêneros estão sendo reproduzidos na atualidade. Para exemplificar o que foi explicado, exibimos a música “Isso é Brasil”, do MC Garden, um funk bem diferente do atual, pois mostra a realidade do Brasil, visto que é uma letra que denuncia questões sociais do país. Após analisarmos semanticamente a letra da música,

enfaticamos o funk como uma ferramenta de resistência e existência dos sujeitos marginalizados da sociedade, que buscam ser ouvidos através dessa manifestação artística: a música.

Dando continuidade ao momento musical da aula, ouvimos outra música do mesmo MC, nomeada “Sai de cima do muro”, a qual reitera o que foi dito na música anterior, com novos problemas sociais a serem discutidos, mas que são do mesmo viés dos problemas abordados, ainda que tenha sido escrita depois de alguns anos da primeira, o que nos mostra que os problemas do país não foram solucionados, além de fazer um alerta sobre nossas escolhas eleitorais. Os alunos não conheciam esse MC, nem tão pouco o funk produzido por ele. Provavelmente, isso advém de uma mídia que populariza o funk carioca, que reproduz duplicidade de sentido e faz apologia ao sexo.

Os alunos se mostraram bastante conscientes acerca do assunto abordado, pontuando os problemas existentes nas músicas populares de funk, em que geralmente a mulher sempre mostra através do corpo erotizado, dançando letras que não a valorizam. Conversamos sobre a importância de selecionar e filtrar o que ouvimos, pois muitas vezes contribuímos para uma cultura que só nos cega enquanto cidadãos crítico-reflexivos.

Após o bate-papo, exibimos o último videoclipe, que é uma paródia de uma música de funk (“Namorar pra quê”), produzida pelo *youtuber* Whindersson Nunes intitulada: “Dieta pra quê?”. Após comentarmos e rirmos com a paródia, explicamos aos alunos as características principais do gênero.

Na sequência, dividimos a turma em três grupos, pedimos uma produção de uma paródia que permeasse os temas: Educação, combate à violência e sonhos. A escolha do gênero e as músicas ficaram a critério deles. Todos os grupos produziram paródias sobre educação com músicas que eles costumam ouvir. Finalizamos a aula com cada grupo indo à frente da sala para cantar e apresentar as paródias para o restante da turma.

Para o quarto encontro, a vertente da arte marginal trabalhada foi a poesia, por isso, a aula foi intitulada “Poesia Marginal”. Inicialmente, foi sondado, dos alunos, o que eles sabiam sobre poesia e qual a relação deles com esse tipo de texto. A maioria relatou não ter contato com textos poéticos ou não gostarem, pois achavam que se tratava de uma linguagem muito difícil.

Entre os aspectos principais, reconheceram como características da poesia “um texto escrito com linhas uma abaixo da outra” (verso) e a presença das rimas. Com essas características, iniciamos a explicação sobre o que é a

poesia. Fizemos uma relação entre a poesia e as músicas apresentadas na aula passada, que, a nível estrutural, são semelhantes. Os alunos concordaram que a estrutura é semelhante, mas que a linguagem das músicas parece mais fácil de entender. Com isso, explicamos que a linguagem que eles consideravam difícil de entender se dava a partir de recursos presentes na construção desse gênero literário, como, por exemplo, as figuras de linguagem, que dão à linguagem presente na poesia um caráter diferenciado, de modo que a sua apreciação exige uma atenção diferente dos demais gêneros.

Entendendo que o texto poético é constituído de uma linguagem diferenciada, que transmite ao leitor além daquilo que está escrito nas linhas, propusemos aos alunos a leitura de três poesias marginais – “Vai ter uma festa”, de Chacal, “Contranarciso”, de Paulo Leminsk, e “Contagem Regressiva”, de Ana Cristina César. Convidamos os alunos para que, durante a leitura, procurassem ler além do que estava escrito, analisando e interpretando o que cada autor procurava dizer em cada texto. Os alunos apresentavam, depois de ler o texto com mais atenção, análises mais aprofundadas, sempre buscando algum ponto do seu cotidiano para fazer associações.

Relacionando os poemas lidos a texto mais atuais, trouxemos vídeos dos artistas WJ e SAID, declamando poesias marginais de autoria deles, o que chamou bastante a atenção dos alunos. Além disso, foi exibido um vídeo explicando o contexto de produção das primeiras poesias marginais (na época da Ditadura Militar no Brasil), o que fomentou uma discussão sobre as formas de resistência e manifestações artísticas atuais no país, evidenciando a poesia marginal como uma delas.

Por fim, exibimos, através de slide, alguns poemas concretos, o que aguçou bastante a curiosidade dos alunos, principalmente para a disposição das palavras ao longo da construção textual, o desprendimento com a estrutura do poema, as imagens formadas com as próprias palavras do poema. Realizamos uma produção a partir da dinâmica do envelope surpresa, na qual, dentro do envelope, havia recortes de palavras com as quais os alunos deveriam construir suas próprias poesias marginais ou poemas concretos. As produções mesclavam recortes com textos escritos e mostrou uma capacidade criativa muito grande dos alunos.

O quinto encontro, “Rap e Repente/ Da cidade ao Sertão/ Marginal se faz presente”, última aula teórica desse Plano de Atividades Sequenciadas, trouxe novamente o rap, mas agora buscando associações com outra manifestação marginal muito característica de nossa região: o repente.

Iniciamos a aula, na qual após uma motivação intitulada “batalha de rimas”, discutindo com os alunos as características, diferenças e semelhanças dessas duas manifestações artísticas, retomando aspectos referentes à linguagem, ao contexto de produção e às finalidades presentes no rap e no repente. Ao enfatizar as semelhanças, pudemos retomar com os alunos o conceito de produções textuais orais, uma vez que ambos os gêneros estudados nessa aula, na maioria das vezes, são realizados através do improviso, principalmente quando são feitas as batalhas.

Adentrando nas batalhas de rap e repente, exibimos um vídeo no qual o Rapper Emicida e os Repentistas Caju e Castanha realizam uma batalha bem diferente, reunindo os dois gêneros em um só momento. Os alunos lembraram também momentos em que presenciaram batalhas ou apresentações tanto de rappers como de repentistas.

Por fim, decidimos, com os alunos, os detalhes da intervenção artística de rua “Resgatando memórias lúdicas”, proposta como um dos produtos para esse Plano de Atividades Sequenciadas e trabalhada ao longo do plano com a exibição e discussão de vídeos que mostravam diversas intervenções artísticas de rua. Foram designados os papéis e atividades que cada um deles realizariam no momento e os alunos se mostraram bastante empolgados para a intervenção, prevista para acontecer no próximo encontro no Centro da cidade de Campina Grande.

Deixamos o dia do nosso sexto encontro reservado para a intervenção artística, que tinha como objetivo trazer os alunos da periferia para o centro. Sendo assim, os alunos foram preparados, durante as aulas, para levar suas apresentações, produzidas na escola, no bairro do José Pinheiro, para a Praça da Bandeira, no centro de Campina Grande.

Desde a preparação, durante as aulas, até o dia da intervenção, os alunos se mostraram bastante entusiasmados e eufóricos, pois, ao longo do período de encontros abordamos a temática da arte marginal e seus principais artistas, enfatizando o significado do termo marginal como algo que está à margem, mas que tem seu lugar e espaço na sociedade. Assim, a intervenção artística teve como finalidade expor à sociedade, especificamente para as pessoas que estão no centro da cidade, que os alunos da escola Estadual do José Pinheiro produzem arte e merecem ocupar espaços que também são deles.

A intervenção artística foi dividida em dois momentos: primeiramente, os alunos realizaram um resgate de memórias lúdicas, caracterizados de crianças, e, no espaço onde muitas pessoas utilizam apenas para passar, eles brincaram de pular corda, ciranda, vivo-morto entre outras, chamando a atenção de quem por

ali passava, tendo em vista que o verdadeiro sentido de praça, onde as crianças podiam brincar, os idosos descansar e os adultos passear, foi perdido em virtude da violência que nos cerca.

A atitude dos alunos com certeza resgatou a memória de muitos adultos que passavam ali, no intervalo do trabalho, por exemplo. Inclusive, algumas pessoas brincaram com eles.

No segundo momento da intervenção, algumas alunas pediram para que as pessoas que estavam ao seu redor, na praça, lessem um livro para elas e quando a pessoa dizia que sim, e começava a ler, os outros alunos se aproximavam e faziam um círculo para ouvir a história sendo contada. Foram lidos livros dos clássicos contos de fadas e também o livro de Cecília Meireles: *O menino azul*. Além das crianças terem atenção, os adultos também tiveram a oportunidade de parar um pouco, em um dia corrido, e ler um livro. Ao término de cada leitura, agradecemos pela atenção e entregamos um panfleto que relatava quem somos e o objetivo do nosso projeto Base Artística e Reflexiva.

O nosso penúltimo encontro contou com uma oficina de grafite, realizada nos muros internos da própria escola. Como já havíamos planejado e feito os desenhos em aulas anteriores.

Inicialmente, recepcionamos os grafiteiros, convidados com muita expectativa, pois esse encontro era muito esperado pelos alunos e professores. Assim, de forma muito atenciosa e dinâmica, os grafiteiros explicaram rapidamente a origem do grafite e sua importância como arte marginal na sociedade.

Posteriormente, foi repassado aos alunos os diferentes tipos de latas de tinta para grafiteagem, bem como a melhor forma de manuseio. Depois que os alunos viram como deveriam grafitar, foi a hora de pôr em prática o que aprenderam. De modo muito divertido, os alunos realizaram os primeiros traços no grafite e a todo instante vibravam com tamanha satisfação em estar grafitando.

Todos os desenhos, inicialmente traçado pelos grafiteiros, e posteriormente preenchidos pelos alunos, surgiram na própria sala de aula durante algumas atividades que realizamos e isso tornou nossa experiência ainda mais significativa. Aos poucos, os desenhos foram ganhando mais cores pelas mãos dos próprios alunos e, depois, forma, com o trabalho dos grafiteiros. A oficina foi tornando-se um encontro cada vez mais especial, pois, ao finalizar a arte nas paredes, pudemos vislumbrar o que acabara de ser feito: um marco na memória, história e paredes da escola. Os desenhos expressavam um desejo dos alunos por paz, educação e amor.

Ao fim desse encontro, ficamos completamente radiantes de alegria e satisfação em ter finalizado nosso plano de Atividades sequenciadas de forma tão especial e simbólica. Encerramos um Plano de Atividades que nos serviu para aprendermos mais sobre língua portuguesa associando-a às significações sócio culturais trazidas pela arte marginal, o que tornou nossos encontros ainda mais interativas.

Em nosso último encontro, “Encerramento/Confraternização”, fizemos uma retrospectiva dos dois Planos de Atividades Sequenciais desenvolvidos com os alunos, durante o ano de 2017, e cada professor falou sobre a importância do projeto e da participação dos estudantes. Em seguida, os alunos falaram sobre as contribuições do projeto para a vida deles. Foi um momento bastante emocionante, pois pudemos perceber o quanto foi positiva nossa contribuição na vida de cada um, não apenas no âmbito educacional, mas na vida pessoal de todos.

Em um segundo momento, exibimos para a turma o vídeo do “DROPS NA RUA”, realizado por alunas de Jornalismo, da UEPB, com nosso projeto, que mostrou um pouco sobre nosso trabalho com os alunos, desenvolvido no Plano de Atividades sobre Intergeneracionalidade, além de exibir entrevistas com a supervisora Jacklaine Almeida, o professor bolsista Everton Menezes e dois alunos integrantes do projeto: Hithelli Larry e Jeovana Guadalupe.

Por fim, efetuamos a entrega dos certificados a cada aluno, fizemos o lanche coletivo e ficamos em um momento de descontração, onde ouvimos músicas, dançamos e conversamos com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando em um novo ensino que promova de modo efetivo os conhecimentos a respeito da língua portuguesa, o projeto buscou desenvolver metodologias que, além de cumprir esse papel, desenvolvessem o senso crítico nos alunos para a sua formação enquanto cidadãos.

Ao trazer para a sala de aula questões sociais que envolvem a realidade dos discentes, pôde-se perceber a criticidade do alunado, além de ser um dos maiores elementos motivadores para que os alunos desenvolvessem a competência de escrita, pois, através das manifestações artísticas trabalhadas, eles tinham o desejo de se expressar mediante os assuntos abordados, o que foi determinante para a participação deles nas produções propostas ao longo das aulas.

Portanto, o trabalho executado propiciou um novo modo de aprender a língua portuguesa, uma vez que atrelada a arte, se configura mais atrativa. Ademais, o contato com os alunos, em especial os alunos do José pinheiro, foi de suprema importância para a formação dos discentes, uma vez que a escola oferece uma realidade bem delicada.

Desse modo, os dois produtos principais obtidos e trabalhados ao longo desse Plano de Atividades puderam mostrar que o ensino de língua portuguesa, aliado a uma temática mais próxima da realidade dos alunos, torna-se não apenas importante, como muito mais atrativo, o que contribui para o desenvolvimento de diferentes competências dos alunos, dentre elas: a oralidade, através de debates e exposições críticas a respeito dos diversos assuntos abordados; a escrita, por intermédio da realização de atividades propostas ao longo dos encontros; e a artística, notada tanto na intervenção urbana como na produção do grafite nos muros da escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CUSTÓDIO, MELINA APARECIDA. *Documentário e pichação: a escrita na rua como produção multissemiótica*. In: ROJO, Roxane Helena R, Eduardo Moura [orgs.]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.